



# Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição XIV Junho de 2011

## Nesta edição:

Santo Inácio de Loyola - Sua Vida e Obra 1

Breve História do Martinismo Moderno 17

A Humildade 26

Contos Espirituais 29

## Santo Inácio de Loyola - Sua Vida e Obra

**I**ñigo Lopes de Loyola, o futuro Santo Inácio, nasceu em 1491. Não se sabe o dia nem o mês; presume-se, porém, que tenha sido por volta de 1º de junho, festa de Santo Iñigo, Abade de Oña (Burgos) pelo fato de o terem batizado com esse nome.

Iñigo era filho de Beltrán Ibáñez de Oñaz e de Marina Sánches de Licona, da linhagem Oñaz-Loyola, família nobre de Guipúzcoa ou da “Província”, como se chamou este território até o século passado. Os Loyolas viviam numa casa-castelo que

era residência e fortaleza ao mesmo tempo, construída em pedra, como tantas outras do país basco.

O duplo aspecto de lar e castelo se explica pelas frequentes guerras que enfrentaram as principais famílias bascas entre si e, logo depois, com a Irmandade das Vilas, formada pelas cidades que iam nascendo no fim do feudalismo.

Os Loyolas tinham sido sempre bem belicosos e até mesmo ferozes nesses litígios. O avô de Iñigo foi dester-

rado pelo rei por causa de uma destas brigas e obrigado a destruir a parte superior da casa-castelo. Mais tarde, depois de perdoado pelo soberano, permitiram-lhe reconstruir o andar superior com tijolos.

Nesta casa-fortaleza nasceu Iñigo. Os tempos eram mais calmos, não,

porém, sem algumas querelas, que levam séculos para desaparecer, sobretudo num vale pequeno e fechado como o que forma o rio Urola, em cujas margens se assentam as aldeias de Azpeitia e Azcoitia. A meio caminho entre ambas ergue-

se o solar natal de Iñigo.

Por volta dos seis anos, o menino perdeu a mãe. Seu pai, que morreu quando ele tinha dezesseis anos, abdicou de todos os seus bens e títulos, ainda em vida, em favor do filho Martín, que passou a ser senhor de Oñaz e Loyola. Martín não era o primogênito e sim Juan que, nesta altura, já tinha morrido na guerra milanesa.

O pai de Inácio, seu irmão Martín e a esposa deste, Madalena de Araoz,



foram os que cuidaram da educação de Inácio, que desde cedo deve ter entendido que, sendo o último de uma família tão prolífica, ia ter de construir o seu próprio futuro. Assim o entenderam também seus outros irmãos que foram fazer fortuna na milícia (como Beltrán e Ochoa) ou na América (como Hermandado) ou na Igreja (como Pedro, que era sacerdote).

A infância de Iñigo foi a de um menino da nobreza, talvez um tanto mimado por sua condição de caçula e por ser órfão de mãe. A educação religiosa que recebeu foi mais “piedosa” que sólida. O oratório familiar da casa-castelo era dominado por um entalhe flamengo representando a Anunciação, presente feito por Isabel, a Católica, a Madalena, esposa do seu irmão Martín. Dizia-se ser um quadro milagroso.



***Inácio entrega sua espada, para se tornar um soldado do Cristo***

Iñigo recebeu a tonsura sendo ainda quase adolescente, tornando-se, então, clérigo de “Ordens Menores”. Destarte, poderia receber um benefício eclesiástico, de caráter econômico, vinculado a esta condição e título. Vê-se, entretanto, pelo processo aberto contra ele em Pamplona, que seu comportamento deixava muito a desejar. Das atas desse processo se deduz que seus costumes, seu modo de divertir-se e seu penteado estavam longe de ser os de um “homem de Igreja”.

Não se sabe qual foi o delito que Iñigo e seu irmão Pedro cometeram, num dia de carnaval; deve ter sido suficientemente grave para fazê-lo fugir e recorrer à sua condição clerical, a fim de escapar da acusação.

A impressão que deixam estas primeiras notícias de sua vida é que Iñigo era um rapaz um tanto alocado, com inclinação para brigas e certamente muito cômico dos privilégios que lhe vinham do seu nascimento e da sua condição de fidalgo.

### ***O Jovem Cavaleiro***

Com quinze ou dezesseis anos, Iñigo foi completar sua educação em Arévalo (hoje na Província de Ávila), na casa de Don Juan Velásquez, Contador-Mor do reino de Castela. Como era amigo do pai de Iñigo, ofereceu-se para acolher, como mais um filho seu, o caçula dos Loyolas.

O adolescente deve ter se sentido ali como em sua própria casa, rodeado dos filhos de Velásquez, alguns dos quais teriam mais ou menos a mesma idade que ele. Com eles vive em “grande estilo”.

No palácio de Velásquez, veio a conhecer os reis e a corte, desfrutando de todos os privilégios de alta aristocracia da época e dedicando-se à “boa vida”: caçadas, justas, torneios, saraus, bailes, jogos de azar (baralho e dados) e aventuras galantes. Anos mais tarde, já convertido em Inácio de Loyola, confessaria que era “dado a vaidades mundanas” e que, naquela fase, cometeu “aventuras de mancebo”.

Gostava muito de música e de baile, tinha mão muito boa para a caligrafia e deve ter lido um bom número de romances de cavalaria, os “best-sellers” daquele tempo. Foram dez anos de alegria juvenil, sem pensar muito no futuro.

Prova disto é o fato de que a desgraça repentina que se abateu sobre os Velásquez pegou desprevenidos tanto estes últimos como o próprio Iñigo. A morte de Fernando, o Católico, foi a ruína daquela família. As primeiras medidas tomadas por Carlos I contrariaram Don Juan Velásquez que viu, nessas decisões, um prejuízo para o patrimônio real. Por isso ele chegou a usar até a oposição das armas. Derrotado e sobrecarregado por dívidas, morreu em 1517.

Iñigo viu-se, então, sem protetor. Não tinha nada. A viúva de Don Velásquez deu-lhe uma certa soma de dinheiro e cartas de recomendação para o duque de Nájera.

Don Antonio Manrique de Lara era um nobre em ascensão. O duque apostara no futuro imperador e era vice-rei de Navarra. Iñigo tornou-se homem de sua confiança, acompanhando-o em vários de seus empreendimentos e em visitas à corte. É possível que, então, sua atenção se fixasse na princesa Catarina de Áustria; os biógrafos do Santo pensam que ele faz alusão a ela quando diz, anos mais tarde, que tinha os olhos postos numa dama que era mais que condessa ou duquesa.

A serviço do duque de Nájera, lutou contra os inimigos de Carlos I. Foi assim que esteve no assédio e conquista da própria cidade de Nájera, que se rebelara contra o rei, mas não quis participar do saque e pilhagem que se seguiram. O próprio duque o encarregou de “acalmar” as aldeias Guipuzcoanas que também se tinham sublevado. Deu mostras de ser bom diplomata, pois sua missão teve bom êxito.

Iñigo não era o que hoje chamamos de um militar, isto é, um soldado profissional. Era um nobre, um cavaleiro e, como tal, muito hábil no manejo das armas.

A guerra, naquela época, tinha uma organização bem diversa das atuais. Assim, quando o rei da França decidiu apoiar o exilado Henrique de Labrit, pretendente ao trono de Na-

varra, o vice-rei reuniu tropas para defender o território. Entre outros muitos convocados, encontravam-se Iñigo e seu irmão Martín, senhor de Loyola.

Na época destes acontecimentos, Iñigo estava com trinta anos. Não se casara nem tinha patrimônio, além do seu valor pessoal. Sem a inconsciência dos anos moços, continuava aspirando a um lugar de honra na sociedade do seu tempo.

### **A Perna Quebrada**

Inácio tinha uma tia freira que, ao saber das correrias e encrencas em que se metia o sobrinho, profetizou-lhe: “Enquanto não quebrares uma perna não mudas de vida, pondo a cabeça no lugar”. Mal sabia a boa religiosa que a profecia se havia de cumprir. Iñigo foi ferido por um obus no cerco de Pamplona e este foi o princípio da mudança fundamental de sua vida.

As tropas francesas e navarras que desejavam devolver o trono a Henrique de Labrit já estavam às portas da cidade, antes mesmo que os partidários de Carlos I tivessem podido reunir forças suficientes para enfrentá-lo. A população entregou-se sem resistência, mas os homens do duque de Nájera, Iñigo entre eles, fecharam-se dentro das muralhas da fortaleza.

A maioria dos sitiados, incluindo o alcaide, ao ver a desproporção da forças, estavam inclinados a se renderem sem lutar. Era simples suicídio fazer frente a um exército muito superior em número e mais bem provido de artilharias. Iñigo, porém, não estava de acordo com essa postura, que lhe parecia desonrosa. Convenceu, pois, seus homens a não capitular.

Os canhões começaram a bombardear a fortaleza em 20 de maio de 1521. Foi nesse ataque de artilharia que uma bala de canhão atingiu Iñigo, quebrando-lhe uma perna e dei-

xando a outra muito ferida. Dia 24 de maio, a fortaleza rendeu-se, depois de graves estragos e rombos nas muralhas e ao ver caído o heróico defensor que jurara lutar até a morte.

Os inimigos reconheceram cavalheirescamente o valor do caçula dos Loyolas e se ocuparam da saúde desse adversário. Mas o estrago nas pernas fora grande; por isso, depois dos primeiros cuidados médicos, aconselharam-lhe que voltasse à sua casa, onde haveria mais facilidades do que numa praça de guerra.

De Pamplona o levaram a Loyola numa padiola. Imagine-se o que terá sido uma viagem dessas! Com os ossos quebrados e deslocados, cada passo ou movimento causavam ao ferido dores insuportáveis.

Foi dolorosa também sua chegada ao castelo. Iñigo regressava muito ferido, derrotado, ainda que mantendo intacta sua honra de cavaleiro. Provavelmente seu irmão Martín não terá deixado de lembrar-lhe que tinha sido um “cabeça dura”, ao ficar em Pamplona em vez de optar, como ele e o próprio duque de Nájera, por uma retirada estratégica.

O estado do enfermo piorou. Os médicos aconselharam uma operação para pôr os ossos no lugar, uma vez que estavam deslocados talvez por causa dos trancos da viagem ou porque os médicos de Pamplona não tinham feito bom serviço. Anos mais tarde, Inácio qualificou essa operação de carnificina. Entretanto, deu mostras de grande resistência, não proferiu um só grito, limitando-se a apertar os punhos.

A operação não deu resultado, e Iñigo se viu às portas da morte, chegando a receber os últimos sacramentos. Pensavam todos ser o fim. A má estrela de alguns de seus irmãos mais velhos parecia pesar também sobre ele. Morrer aos trinta anos! Como um fidalgo, sim, valente, e até ambicioso, mas sem reali-

zar nada que salvasse seu nome do esquecimento! Alguns poderão ter pensado: “Bem feito! Ele não fez mais que divertir-se e gozar a vida. Na verdade, não se perde grande coisa!”

## **A Grande Transformação**

A morte não o levou. Já fora de perigo. Iñigo notou que a perna quebrada ficara mais curta que a outra e com um caroço que sobressaia. Coxo para o resto da vida? Nem pensar! Como poderia montar a cavalo, realizar belas façanhas? Como poderia cortejar a dama dos seus sonhos, sendo um ridículo manquiteira?

Para eliminar essa deformidade, Iñigo exigiu e suportou uma segunda operação, não menos dolorosa que a outra. Depois passou meses deitado com molestos curativos e tendo de suportar pesos e outros mecanismos para esticar a perna.

Que faz um doente para passar o tempo de repouso forçado? Fazia todo tipo de planos para o futuro, como ele diz, pensando nas façanhas que realizaria a serviço da sua dama. Sonhava com os meios que usaria para aproximar-se dela, as medidas, as belas frases e proezas guerreiras que lhe dedicaria.

Mas Iñigo se entedia. Toda a fantasia do mundo não basta. Pede romances de cavalaria para distrair-se; como não os houvesse no castelo, trazem-lhe “Vida de Cristo” de Ludolfo de Saxonia e a “Vida dos Santos”).

Começou a leitura de má vontade, para matar o tempo e descobriu, com surpresa, que estava gostando. Notou também que sentia paz e alegria ao fechar tais livros, ao contrário do que acontecia quando cultivava seus sonhos cavaleirescos e guerreiros, que o deixavam triste e frustrado. Essa diferença de humor o deixava perplexo.

Por outro lado, Iñigo tinha visto de perto a foice da morte, o que o fez examinar sua vida

passada. É o que sempre acontece com doentes graves, quando têm tempo para pensar.

O balanço não era positivo. Na perspectiva de Deus, ele era um pecador e um mau cristão.



### **Visão de Inácio sobre o Cristo**

Ao calor de tais sentimentos, suscitados por aquelas leituras piedosas, põe-se a meditar: “Que aconteceria se eu fizesse o que fez São Francisco... e São Domingos?...” Não lhe faltavam audácia nem coragem; isto era indiscutível! Destarte, fez promessa do que lhe parecia mais difícil de realizar; ir a Jerusalém descalço, comer só verduras e submeter-se às mesmas penitências feitas pelos santos, e até maiores.

Seu raciocínio estava cheio de um espírito ingenuamente competitivo: “São Domingos fez isto? Pois eu também farei!” Se um homem foi capaz daquilo, por que não o seria ele? Também neste ponto queria estar entre os primeiros.

Passam os meses de verão e outono; chega o inverno. Pouco a pouco seu coração se volta para Deus. Começa o trabalho de anotar certas passagens dos livros que lia. Põe-se, então, a copiar episódios de vida de Cristo, escrevendo as palavras de Jesus com tinta vermelha e com azul as de Maria.

Copiar, imitar: o propósito que acalenta é assemelhar-se aos santos e, com isto, des-

ponta já uma terna devoção à pessoa de Cristo e à de sua Mãe.

Os irmãos de Iñigo, Martín e Pedro, bem como sua cunhada Madalena, estão preocupados: já não o ouvem falar de proezas, amores e glória e, às vezes, surpreendem-no chorando ou totalmente absorto. Quando lhe perguntam o que tem, responde com evasivas.

Em princípios de 1522. Iñigo já está quase restabelecido e anuncia sua partida. Diz que vai a Navarrete encontrar-se com o duque de Nájera, para cobrar uma dívida. A família o vê sair com apreensão... Que estaria tramando o caçula dos Loyolas?...

O velho homem, o capitão, o amigo dos jogadores e das mulheres está morrendo e dando surgimento a um novo Homem, com uma nova resolução: servir a Deus.

### **O Homem do Saco**

Cavalgando uma mula, com seu irmão Pedro e dois criados, deixou Loyola a caminho do santuário mariano de Aránzazu. Lá, depois de agradecer pela cura, despediu-se de Pedro e tomou o rumo de Navarrete (Rioja), como dissera a sua família. Com o dinheiro do soldo recebido, pagou algumas dívidas pendentes; em seguida despediu os criados e, sozinho, encaminhou-se para Monteserrat.

Iñigo estava decidido a pôr em prática o propósito concebido em Loyola. Havia três peregrinações que um cristão podia empreender: Santiago, Roma e Jerusalém: a última lhe parecia não só a mais custosa, pela distância, mas também a mais perigosa. A Terra Santa estava nas mãos dos turcos infiéis; a situação política era tensa, com perigo de guerra a qualquer momento. Em tais circunstâncias, ir a Jerusalém era um risco certo.

Mas não iria como um nobre, protegido por seu dinheiro e posição social, mas como um

peregrino desconhecido. A partir desse momento, ele começa a ocultar sua identidade. Não quer privilégios no trato, deseja começar uma vida nova e, neste empenho, via um empecilho na sua linhagem.

Enquanto ia de Ribeira para Aragão, houve o incidente com o mouro que duvidava da virgindade de Maria. Sua cavalgada, mais sábia que ele, livra-o de um lance mau. Antes de chegar a Montserrat, (o Mont-Salvat das lendas do Graal), em cuja pendente e a uma altitude de 720 m encontra-se a abadia beneditina fundada em 1030, comprou pano de saco para fazer uma roupa de peregrino, bem tosca e áspera, munindo-se também de um bordão e uma cabaça.

Chegou aos pés da Virgem (la “Moreneta”) por volta de 20 de março. Aí levou três dias preparando uma confissão geral de toda a vida, sob a hábil direção de um dos monges Beneditinos da abadia. Nas vésperas da Anunciação (24 de março de 1522), passou a noite inteira na igreja: foi sua “vigília de armas”, como cavaleiro de Deus. Ofereceu à Virgem a espada e o punhal, doou a mula ao mosteiro e suas vestes a um mendigo.

De madrugada, às escondidas, metido no seu saco de penitente, parte a pé, dirigindo-se a Manresa, a fim de evitar o encontro com pessoas conhecidas que estavam na comitiva do nomeado papa Adriano VI. Assim dá uma volta por Manresa.

Logo, porém, o alcançaram os guardas de Montserrat, com o mendigo que usava suas roupas; ele salva o coitado dizendo que não roubara nada, que fora ele que lhe dera as roupas. O incidente perturba Iñigo por ver que sua generosidade pusera o pobre em perigo e também por descobrir que, apesar de sua aparência, não pode ocultar sua origem e condição.

Em Manresa aloja-se num albergue de mendigos, como mais um deles. Vive de esmolas

com grande austeridade, decidido a acabar com sua aparência de fidalgo disfarçado: descuida seu asseio pessoal e castiga o corpo com severos jejuns. O resultado não tardou e os garotos de Manresa o batizaram logo de “o homem do saco”, por seu aspecto desastreado. Mas não consegue ficar despercebido, porque logo lhe criam outro apelido; “O Homem santo”. Começam a correr rumores fantásticos sobre sua identidade, as riquezas que deixou e os pecados que o levaram a tanta penitência...

Também não consegue fazer de Manresa apenas um lugar de passagem, porque seu espírito começa a ser assaltado por sentimentos contraditórios, o que o leva a dedicar longas horas à oração e à leitura espiritual: além disso castiga seu corpo com instrumentos de penitência. Mas nem assim encontra a paz, chegando a duvidar das suas forças e da misericórdia de Deus: “Poderás aguentar esta vida por muito tempo?... Será que Deus já te perdoou?... Um dia, quando a angústia e a perplexidade atingiram o auge, chegou a pensar no suicídio, atirando-se por uma janela.

Numa das grutas, na qual costumava meditar e orar, às margens do rio Cardoner, Inácio experimentou em Setembro de 1522 a sua mística Igreja Primitiva, como ele a chamava.

Parecia-lhe que ser santo era algo que dependia só da sua vontade e das suas forças. É aí que ele descobre: ninguém serve e agrada a Deus por sua própria conta, baseando-se apenas em seus próprios planos e decisões.

### ***Seja o que Deus Quiser***

Foi tempestuosa aquela primeira temporada em Manresa. Ele adquirira em Loyola o costume de anotar tudo quanto se passava em seu espírito; começou, então, a perceber, relendo suas notas, que as diversidades de estados de ânimo tinham um significado:

Deus estava lhe mostrando, por meio deles, a sua vontade. Havia até certos bons desejos que camuflavam suas resistências a uma conversão sincera e profunda. Outras vezes até os jejuns e penitências atrapalhavam sua oração em vez de ajudá-la.

Iñigo estava fazendo, sem o saber, os seus “Exercícios Espirituais”. Mediante a oração e a contemplação dos Evangelhos, ia-se entusiasmando com a pessoa de Jesus, assimilando suas atitudes e conformando toda sua vida com a do Cristo. A experiência daqueles dias, cuidadosamente anotada em um caderno, será o germe dos seus “Exercícios”, um dos livros que mais influíram na Igreja. Retificando alguns pontos, acrescentará aqui, cortará ali, mas, naquelas suas notas, já está o método inaciano para encontrar a vontade de Deus e entregar-se à Pessoa de Jesus Cristo.

Um dia, enquanto lia “Horas de Nossa Senhora” em voz alta, nas escadarias da Abadia de Montserrat sua compreensão elevou-se e ele percebeu o mistério da Santíssima Trindade, como uma harmonia musical, na forma de música de órgão. Esta experiência foi tão tocante que o fez chorar.

Em outra ocasião, vivenciou uma onda de grande alegria espiritual, quando compreendeu a forma que Deus usou na criação do Mundo. Viu algo brilhante de onde raios brancos eram emitidos, viu que Deus estava criando Luz. Mas ele não pode explicar o fenômeno.

Um dia os olhos interiores de Inácio, enquanto participava de uma missa na Igreja do Mosteiro, viram o momento em que o corpo do Senhor (a hóstia) era levantado, o que pareciam ser raios de luz, vindos de cima. Isto foi interpretado por ele como sendo a presença de Cristo.

Em Manresa, diz Iñigo, Deus o tratou como um professor trata seu aluno: ensinava-o a servir-lhe como ele desejava. Um dia, passe-

ando às margens do rio Cardoner, teve uma grande iluminação interior. Tudo lhe pareceu novo e diferente, como se estivesse vendo coisas pela primeira vez.

Copiar, imitar... Em Loyola acreditava que nisto consistia a vida cristã: ser como os santos, imitar Jesus. Agora descobre que cada homem tem uma vocação concreta e particular e que Deus no-la mostra de muitos modos. O cristão deve descobrir e realizar esta missão que Deus lhe confia.

E qual era a sua?... Iñigo continua a pensar na viagem a Jerusalém, já não tanto para cumprir uma grande façanha, mas por tratar-se da terra de Jesus. Se vive pobre, livre de compromissos materiais, já não é por penitência, mas porque Cristo viveu assim. E começa a ajudar os outros, a cuidar dos doentes e necessitados, inclusive em suas necessidades espirituais... porque Jesus curou, pregou e nos livrou de nossos pecados.

O peregrino entrega-se a Deus, disposto a seguir suas inspirações a cada momento. Não sabe aonde estas o levarão, mas enquanto não estiver certo de que lhe pede outra coisa, irá a Jerusalém. Até sonha em morrer lá, como Cristo, anunciando aos infiéis o Evangelho. Passou quase um ano em Manresa, hospedando-se em diversas casas e passou certo tempo no convento dos Dominicanos. Também se retirava a uma gruta para rezar e fazer penitência. Neste local ergue-se hoje uma igreja dos jesuítas. O mais importante, porém, é que começou, por meio de conversas, a ajudar espiritualmente as pessoas que desejavam ouvi-lo.

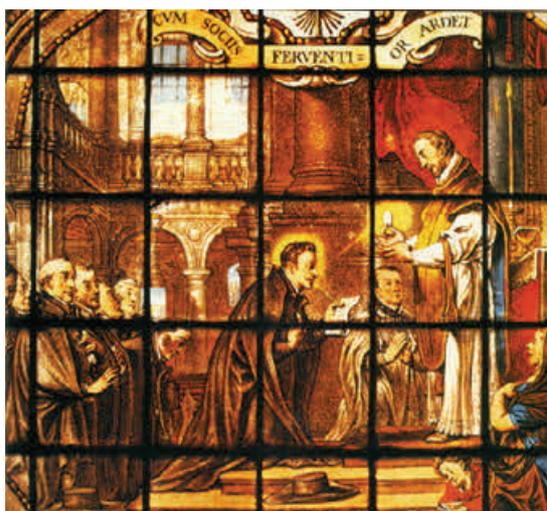
Em Barcelona embarcou para a Itália, depois de conseguir passagem gratuita num navio. O capitão, porém, exigiu que ele levasse provisão consigo. Isto causou certo escrúpulo em Iñigo, que preferia confiar-se cegamente às mãos de Deus; mas um bom confessor lhe deu a solução: iria mendigar nas ruas o alimento para a viagem.

Em 16 de março de 1523, um ano depois de sair do seu castelo, fez-se ao mar, só e pobre. Ninguém reconheceria naquele peregrino de aspecto macilento o elegante e apurado fidalgo dos Loyolas.

Em Julho de 1523 parte para Palestina, a bordo de um navio veneziano. Lugar gratuito conseguido através de Andrea Grittium.

### ***A Nova Vida de Inácio***

Depois das experiências de Manresa e Jerusalém Inácio deu início aos estudos avançados que culminaram com o recebimento do título de Mestre pela Universidade de Paris em 1534.



***Em 1539 Inácio e seus seguidores decidem formar uma nova Ordem. O Papa aprova o plano, resultando no estabelecimento da “Companhia de Jesus”***

No dia 15 de Agosto de 1534, Santo Inácio e seis companheiros (Pedro Fabro, Francisco Xavier, Afonso Salmerón, Diogo Lainez, Nicolau Bobadilla e Simão Rodrigues) fizeram na Igreja dos Mártires de Montmartre, os votos de “pobreza, castidade e obediência”. Pedro Fabro o único sacerdote do grupo celebrou a Eucaristia, durante a qual foram emitidos os votos.

Em Janeiro de 1537, Inácio encontra de novo seus seis companheiros em Veneza. Enquanto esperavam a partida do navio dos peregrinos para Jerusalém trabalharam no hospital de Veneza.

Em 24 de Junho de 1537 recebe a ordenação sacerdotal em Veneza. Em fins de Setembro do mesmo ano teve de reconhecer que a desejada peregrinação à Terra Santa se tornara impossível, por causa da guerra entre Veneza e os Turcos. Por isso, determinou-se a ir a Roma, juntamente com Fabro e Lainez, para colocar-se à disposição do Papa. A fins de Outubro de 1537, os peregrinos da Companhia de Jesus entravam na cidade papal de Roma.

Um pouco antes de chegar em Roma, na capela de la Storta, Santo Inácio estando em oração, teve uma visão da Santíssima Trindade e ouviu do Pai estas palavras: “Eu vos serei propício em Roma”, Santo Inácio ouviu ainda como o Pai dizia a Cristo: “Quero que tomes este ao teu serviço”.

Em 1539 Inácio e seus seguidores decidem formar uma nova Ordem. O Papa aprova o plano, resultando no estabelecimento da “Companhia de Jesus” (os jesuítas).

Desde Fevereiro de 1541, a nova Ordem viveu numa casa ao lado da Igreja de Santa Maria degli Astalli. Em 1544, nesse mesmo lugar, foi construída a antiga casa professa, na qual Santo Inácio recebeu três pequenos quartos.

Manteve o posto de geral dos jesuítas até 1552. Serviu durante o tempo em que houve uma grande expansão mundial da Companhia. Foi nesse período que completou a Constituição da Ordem.

Inácio morreu em 31 de julho de 1556 e em 1622 a Igreja Católica o declarou Santo.

## **O Caminho dos Exercícios Espirituais - A Vida e o Método Espiritual de Inácio de Loyola**



### **Curso Organizacional de Inácio**

- A vida de Inácio de Loyola.
- Consolação e Desolação Espiritual.
- O Treinamento da Vontade. Sistema e Ordem da Prática Espiritual.
- A técnica de tomada de decisão.
- As regras para o Discernimento dos Espíritos.
- Os Exercícios Espirituais: formato e requerimentos.
- Primeira Semana: Meditações sobre o pecado e o Inferno.
- Segunda Semana: Vida de Jesus.
- Terceira Semana: Meditação sobre a Paixão.
- Quarta Semana: Ressurreição no Amor Divino.
- Esquema dos fundos submarinos.
- Meditações tradicionais de Inácio.

### **Vida de Inácio de Loyola**

- Inácio nasceu (provavelmente antes de 23 de outubro de 1491) no castelo da família Loyola.
- A família pertencia à nobreza provincial do país Basco. Dentro da família Loyola havia uma tradição de soldados e guerreiros.
- O primeiro trabalho de Inácio foi como

mensageiro, aos 16 anos, na corte de Don Juan Velasques, seu parente. Neste trabalho se dedicou ao jogo e à luta enquanto seguia os costumes da corte e romances.

- Inácio se apaixona por Dona Caterina, uma dama da família real, filha de Phillipe o Justo.

### **Ingressando no Exército**

- Em 1517 Inácio ingressava no Exército.
- Em maio de 1521 sofre um ferimento na perna enquanto lutava em Pamplona contra as tropas francesas. Lá mesmo foi cuidado por médicos franceses. Retorna então a Loyola para se recuperar.
- Em 24 de junho, seu estado de saúde era tal que chegou a receber os sacramentos. Contudo a partir de 28 de junho começou a melhorar.
- Durante este período crítico, Inácio pedia material de leitura, romances e aventuras cavaleirescas, dois gêneros populares e comuns naquela época.

### **O Despertar Espiritual de Inácio**

- Os livros que recebeu da biblioteca do castelo (“Vida de Cristo” de Ludolfo of Saxonia e “Vida dos Santos”) tiveram grande influência sobre ele.
- Inácio compreende que a vida que levava até então, não refletia a nobreza de espírito que seu coração ansiava. Lendo a vida dos santos se sentiu tomado por uma espécie de inspiração que queria refletir em sua própria vida.
- Quando se encontra completamente restabelecido, uma chama diferente brilhava em seus olhos: o desejo de se tornar um soldado de Cristo, de ir e batalhar por seu verdadeiro Rei.

### **Aos 32 e sobre uma Mula**

- O velho homem, o capitão, o amigo dos

jogadores e das mulheres está morrendo e dando surgimento a um novo Homem, com uma nova resolução: servir a Deus.

- Montado numa mula Inácio viaja para as costas do mar mediterrâneo e chega a Montserrat (o Mont-Salvat das lendas do Graal).
- Ele passa a noite de 24 de março de 1522 em Montserrat fazendo a vigília das Armas na capela de um abade Beneditino. Decide dedicar sua vida à Deus. Mas para onde ir agora que esta resolução foi tomada?

### **Manresa**

- Inácio desce de Montserrat em direção à uma pequena vila, chamada Manresa. É 25 de Março de 1522.
- Aqui ele experimenta a oração, meditação profunda e varias práticas ascetas.
- Destas experiências resulta o sentimento Inaciano. Tais práticas serão posteriormente incorporadas aos “Exercícios Espirituais”.

### **Experiências em Manresa**

- Um dia, enquanto lia “Horas de Nossa Senhora” em voz alta, nas escadarias da Abadia de Montserrat sua compreensão elevou-se e ele percebeu o mistério da Santíssima Trindade, como uma harmonia musical, na forma de música de órgão. Esta experiência foi tão tocante que o fez chorar.
- Em outra ocasião, vivenciou uma onda de grande alegria espiritual, quando compreendeu a forma que Deus usou na criação do Mundo. Viu algo brilhante de onde raios brancos eram emitidos, viu que Deus estava criando Luz. Mas ele não pode explicar o fenômeno.
- Um dia os olhos interiores de Inácio, enquanto participava de uma missa na Igreja do Mosteiro, viram o momento em que o corpo do Senhor (a hóstia) era levantado, o que pareciam ser raios de luz, vindos de cima. Isto foi interpretado por ele como sendo a presença de Cristo.

### **A Nova Vida de Inácio**

- Depois das experiências de Manresa Inácio deu inicio aos estudos avançados que culminaram com o recebimento do título de Mestre pela Universidade de Paris em 1534.
- Em 1539 Inácio e seus seguidores decidem formar uma nova Ordem. O Papa aprova o plano, resultando no estabelecimento da “Companhia de Jesus” (os jesuítas).
- Manteve o posto de geral dos jesuítas até 1552. Serviu durante o tempo em que houve uma grande expansão mundial da Companhia. Foi nesse período que completou a Constituição da Ordem.
- Inácio morreu em 30 de julho de 1556. Em 1622 a Igreja Católica o declarou Santo.

### **Consolação e Desolação Espiritual**

- A Consolação Espiritual:
  - é a experiência interna da presença de Deus, experiência da visão de si mesmo, dos outros e de toda a realidade à Luz de Deus.
  - é a experiência interna de impulsos de amor a Deus, que se dá totalmente a mim através de Cristo, na sua morte e ressurreição; Deus que manifesta seu amor através de experiências positivas ou que me faz descobrir o positivo em experiências negativas.
  - é todo aumento de fé, esperança e amor.
  - é toda alegria interna que nos atrai para as coisas de Deus, para o bem e para o amor.
  - é toda tranquilidade e paz sentidas em Deus.
- A Desolação Espiritual: (é o oposto da Consolação).
  - é a experiência interna da distância de Deus, é a perturbação do coração, impulso para a falta de confiança, à falta de esperança, ao desamor.
  - é toda tristeza interna que nos afasta das coisas de Deus.

→ é todo desânimo de continuar lutando pelo bem.

→ é toda inquietação devida à sensação de ausência ou silêncio de Deus.

- Nunca tomar decisões quando estiver desolado; manter-se firme nos propósitos do bem.

- Na desolação, não se deixar dominar, mas lutar contra:

→ intensificar a oração.

→ examinar a consciência buscando as causas da desolação.

→ intensificar a caridade, sacrificar-se mais pelos outros.....

- Quando estiver desolado, lembre-se de que Deus permite um tempo de provação para purificar o amor. Lembre-se de que Deus jamais nos abandona, mesmo quando o sentimos distante.

- Quando estiver desolado, seja paciente. Acredite que em breve tudo passará e novamente estará consolado.

- Quando estiver consolado seja humilde, reconhecendo sua pequenez e a grandeza de Deus.

- As causas da desolação são 3, sendo 1 da nossa parte e 2 da parte de Deus:

→ Tibieza, preguiça ou negligência no nosso relacionamento com Deus.

→ Deus nos permite provações para nos fazer ver até que ponto chega o nosso amor. Devemos buscar Deus pelo que Ele é e não apenas pelos efeitos consoladores da sua presença.

→ Deus que deseja fazer-nos crescer na compreensão da gratuidade do seu amor, a consolação é dom que Ele nos concede por pura bondade, não se trata de uma conquista da nossa parte.

→ Nunca se deixar sucumbir pelas oposições, mas enfrentá-las com força e coragem.

→ Conhecer-se a si mesmo, tendo bastante clareza dos pontos mais fortes e dos pontos mais fracos. Nossos pontos fracos serão sempre uma ameaça ao nosso crescimento para Deus. Portanto, ser prudente em não se expor às situações em que incidem os pontos fracos.

### **Treinamento da Vontade**

- O capricho esta para a vontade assim como as fantasias estão para a visualização.

- No treinamento da Vontade, o retreinamento do corpo é necessário. Neste processo, o poder da concentração é desenvolvido, juntamente com as imagens usadas na tomada de decisão.

- O treinamento da Vontade requer persistência aplicada por um longo período de tempo. Requer também um sistema completamente planejado de auto-evolução.

### **Regras / Leis da Vontade**

- Os desejos são Imagens e a Vontade seus Atos.

- Nenhum indivíduo, grupo ou nação pode alcançar seus objetivos se não tiver imagens para energizar seus desejos.

- No ser humano o natural é o habitual.

- Exercitar os hábitos de uma vontade forte faz o exercitar desta virtude um processo natural (sem esforço).

- A Vontade pode ser treinada a fim de que possa escolher o melhor, através do hábito, a partir do melhor conjunto de opções possíveis.

### **Passos do Treinamento da Vontade**

- Neste treinamento iremos adquirir as “artes marciais da Vontade e da Disciplina mental”.

- Estabeleceremos objetivos de vida.

- Iremos assumir uma Regra de Vida.

- Teremos um horário diário e viveremos de acordo com ele.
- Introduziremos processos para “viver conscientemente” durante o dia (monges usam o “exame de consciência”). Prometa a si mesmo melhorar a cada dia.
- Introduziremos práticas devocionais em nossas vidas, ou uma série de exercícios para ativar a vontade.

### Objetivos Existenciais

DA VIDA	OBJETIVOS
A - Objetivo Espiritual:	
B - Objetivo Profissional:	
C - Objetivo Familiar:	

PRÓXIMOS 5 ANOS	OBJETIVOS
A - Objetivo Espiritual:	
B - Objetivo Profissional:	
C - Objetivo Familiar:	

ANUAL	OBJETIVOS
A - Objetivo Espiritual:	
B - Objetivo Profissional:	
C - Objetivo Familiar:	

MENSAL	OBJETIVOS
A - Objetivo Espiritual:	
B - Objetivo Profissional:	
C - Objetivo Familiar:	

### Horário Diário

5:45 Acordar - Banho.

- 6:00 Exercícios Espirituais Matinais - Meditação.
- 6:30 Determinar objetivos a serem atingidos durante o dia.
- 6:45 Café da manhã.
- 7:15 Sair para o trabalho, etc.
- 12:30 Exame de Consciência - Analisar eventos do dia - Atuação x Objetivos? Prometer a mim mesmo melhorar.
- 19:00 Serviço Doméstico, relações com a família.
- 21:00 Preparação para meditação (meditação principal). Meditação.
- 22:15 Análise Crítica dos eventos do dia. Os objetivos do dia foram atingidos? Prometer fazer melhor amanhã.
- 23:00 Dormir

### Exame Clássico de Consciência de Início

- Agradecer a Deus por tudo que tenho recebido.
- Pedir a Deus a Graça de conhecer meus pecados, impurezas, imperfeições humanas.
- Necessito de uma recordação da alma, desde o despertar até agora:
  - 1) Analisar pensamentos
  - 2) Analisar palavras
  - 3) Analisar ações.
- Peço a Deus perdão de minhas próprias imperfeições.
- Tomo a resolução de melhorar minha vida com a Graça e ajuda de Deus.

### Processo Diário do “Viver Consciente”

- ⇒ Planejar o Dia
- ⇒ Escrever uma lista com objetivos a serem alcançados
- ⇒ Determinar Prioridades
- ⇒ Realizando coisas durante o dia
- ⇒ Ao meio dia ou final do dia, Exame: O quanto eu fiz daquilo que me propus?

- ⇒ Atribuo-me notas (Ex. A, B, C)
- ⇒ Prometo a mim mesmo fazer bem melhor amanhã
- ⇒ No dia seguinte, recomeço o mesmo processo diário.

### **Exercícios para Ativar a Vontade**

- Os exercícios não implicam julgamento, são apenas exercícios que provam sua vontade de fazer algo determinado contra a força do hábito.
- Caminhe olhando somente o pé que vai à frente.
- Concentre-se na chama de uma vela por 15 minutos esvaziando seus pensamentos.
- Retarde sua reação a barulhos ambientais ou a pessoas que falem com você.
- Na próxima vez que sair para jantar com alguém, prepare um tópico de conversação de antemão.
- Não expresse opiniões. Não use as palavras “na minha opinião”, não relate fatos ou dê referência a outros.
- Se numa conversa, alguém começar a fazer fofocas, levante e saia.
- Faça suas refeições concentrando-se unicamente na ação de comer. Fique atento a qualquer movimento de cada músculo de seu corpo. Prove cada sabor.
- Movimente-se em absoluto silêncio durante o dia.

### **Método Inaciano de**

### **Tomada de Decisão**

Este método consiste em:

- Regras para tomar decisão
- Tempo para tomada de decisão
- Testes para uma boa decisão

### **Tomando Decisões: Regras**

- O propósito de se tomar uma decisão é

primeiro o de unir o desejo da chama de seu interior (sua alma, seus desejos espirituais) como desejo da chama que esta fora de você (Deus, a Vontade cósmica, etc.).

- O desejo da chama (Deus, Espiritualidade, o mais elevado Bem espiritual da Humanidade) e o seu desejo devem coincidir pela primeira vez. (Submissão à Vontade Cósmica ou Divina).
- Se o desejo da chama está na origem, no meio e no fim de suas intenções, então suas decisões são o meio em direção ao propósito da chama.
- Os desejos e decisões com relação à família, carreira, associações espirituais, obra social, serviço, etc., são apenas meios para executar os desejos da chama.
- Nenhuma decisão é realmente uma decisão livre, a menos que estejamos imparciais quanto aos resultados!

### **A Melhor Hora para Julgar uma Decisão**

- Quando os desejos das três chamas (em Deus, na Sociedade e em si mesmo) coincidirem.
- Quando as opções se apresentarem em meditação. Considere sua decisão em períodos de consolação e desolação. Preste atenção a sinais recebidos na meditação.
- Considere sua decisão quando estiver calmo.

### **Teste de uma Boa Decisão**

- Você pode abrir mão dos frutos de sua decisão?

### **Regras para o Discernimento Espiritual**

- As impressões que chegam à sua mente

vêm de duas forças opostas. Uma nos dirige à materialidade, a outra à espiritualidade (o Mau Espírito e o Bom Espírito).

- Para as pessoas que ainda estão vivendo uma opção contra Deus:

O Bom Espírito: provoca remorsos, inquieta a consciência.

O Mau Espírito: faz sentir prazeres aparentes, excita a imaginação de prazeres e deleites, fazendo a pessoa atolar-se mais e mais na situação de pecado.

- Para as pessoas que estão buscando crescer na descoberta de Deus ou fizeram uma opção fundamental por Deus e procuram expressar a fé na vivência do amor:

O Bom Espírito: provoca ânimo, forças, consolações, inspirações, tranquilidade, atenuando os impedimentos para que a pessoa continue nos caminhos de Deus.

O Mau Espírito: coloca oposições, inquieta com falsas razões, provoca desânimos.

### ***A Arte do Discernimento dos Espíritos***

- Inácio teve que fazer um grande esforço para penetrar este véu de obscuridade com relação a seus próprios pensamentos e sentimentos, e precisou de um método para discernir estes Espíritos.

• Esses métodos são dados por Inácio no livro de Exercícios. Consiste em duas séries de Regras uma para iniciantes e outra para discípulos mais adiantados.

### ***Os Exercícios Espirituais***

- Tradicionalmente, estes exercícios são fei-

tos num período de quatro semanas.

- Um retiro é preparado a fim de que o discípulo possa se dedicar à prática dos exercícios durante o período de quatro semanas. Os exercícios são realizados sob a direção de um instrutor, que auxilia e guia os discípulos no processo.

- Estes exercícios tem um profundo poder transformador na vida daquele que os realiza.

- Não é incomum que percebemos nossa missão individual na vida, ou o que o Cósmico deseja que sege o propósito de nossas vidas.

### ***Correspondência Pitagórica***

#### ***Clássica dos Exercícios Espirituais***

1º Estágio: Caos, Matéria Prima, Trevas, retorno ao Princípio.

1ª Semana: meditação sobre o pecado pessoal. Meditação sobre o inferno.

2º Estágio: A divisão das águas, a separação das polaridades. A primeira Luz nas Trevas.

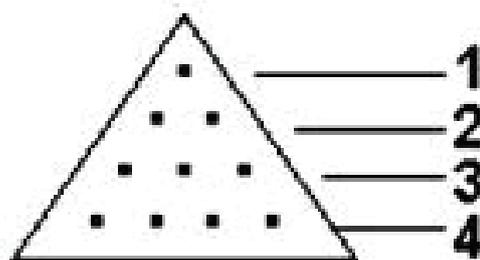
2ª Semana: Meditação sobre a vida de Jesus.

3º Estágio: O intermediário promove A união dos princípios opostos: casamento Alquímico. A 2ª morte.

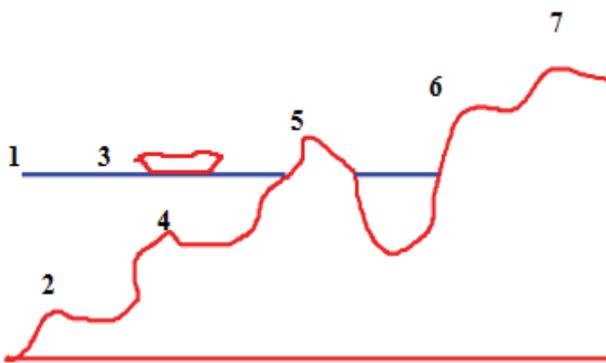
3ª Semana: meditação sobre os eventos da Paixão.

4º Estágio: O objetivo, a Pedra dos Filósofos, a Criação dos 4 elementos. A manifestação de Deus na Matéria.

4ª Semana meditação sobre o Amor Divino e sobre a Ressurreição.



## Imagem dos Fundos Submarinos



Vai nos ajudar a explicar as noções de Presentimento, Certeza e de Evidência.

1.- A superfície da água é o nível da Consciência.

2.- O Ser não emergiu à consciência. Está mergulhado no inconsciente. Portanto, impossível de se apoiar sobre ele para viver.

3.- É preciso enfrentar a vida. Então, são fabricadas jangadas para viver:

a.- a gente se agarra ao que os outros dizem de nós ou aquilo que nos dizem para fazer.  
b.- às vezes, a gente constrói um mundo imaginário no qual se refugia quando a vida é muito dura. Tudo isto é muito precário e frágil.

4.- **O Presentimento:** uma vez que o Ser tornou-se mais vivo está prestes a emergir.

Nos períodos calmos a gente o presente. Mas quando a água interior se turva, perde-se o Ser de vista. Vive-se então, das irradiações do Ser, mas sem poder se apoiar nele.

5 e 6.- **A Certeza:** uma vez que o Ser se tornou mais vivo, emergiu (6). Uma certeza interior nasce como um pico rochoso sobre o qual se pode apoiar o pé. Em seguida, outras certezas emergem. É como um arquipélago ou uma plataforma. Mas a superfície que emergiu está ainda a mercê das tempestades

e das marés.

7.- **A Evidência:** há evidência no momento em que a gente não pode mais negar. Tem-se tal experiência desta realidade interior que não se pode mais duvidar.

## Meditações Tradicionais de Inácio

Meditações sobre o Pecado Humano e o inferno.

Meditação sobre a vida de Jesus e sua Obra.

Meditações sobre a Paixão.

Meditações sobre a Ressurreição e o Amor Divino.

## Um esquema mais Universal das Meditações

Meditação sobre a Natureza Humana e sua ligação com a matéria.

Meditação sobre a vida dos avatares, mestres e profetas de todas as religiões.

Meditação sobre a morte da matéria. Morte do Herói.

Meditação sobre o Amor Universal.

Usar as Faculdades da Alma:

- **Memória:** permite recordar as verdades contempladas.
- **Inteligência:** ela permite compreender ou pensar sobre a verdade.
- **Vontade:** é a inclinação que nos leva a amar.

## Votos

- **Castidade:** Qual a qualidade dos nossos pensamentos?
- **Pobreza:** Onde estão as verdadeiras necessidades? Para onde tende nosso desejo?
- **Obediência:** Quem é nosso senhor? Devemos executar a vontade de Deus

## **Exercícios Espirituais de Sto. Inácio de Loyola**



**Fundamento:** para atingir o fundamento de qualquer exercício espiritual o estudante deve ativar sua vontade e concentração.

### **Reverência - entendimento**

Usar como base os 5 sentidos: Ver, Ouvir, Cheirar, Degustar e Tocar.



**1ª Semana:** Contemplação dos Pecados, através desta contemplação o estudante conhece seu "Inferno Astral".  
Entendimento dos Sentidos.  
Silêncio Corporal e Mental.

### **Consolação e Desolação. Via Purgativa**

**2ª Semana:** "Os Dois Estandartes". Ver e entender os opostos, o Binário dentro de cada um.

**2ª Semana:** "As Obras do Filho". Utilizar os 5 sentidos em cima da Contemplação da Al-

ma. Esta Contemplação é feita sobre passagens Bíblicas pré-determinadas pelo próprio Inácio de Loyola



**3ª Semana:** "Por Ele, com Ele e Nele". Identificação e incorporação dos sentimentos do Filho pelo Pai.

### **Cristo doloroso**



**3ª Semana:** "O Espírito". Paixão e Crucificação de Cristo



**4ª Semana:** "Mistérios da Ressurreição". "Calor" que a alma sente quando se une ao Espírito - Regeneração.

**4ª Semana:** "Contemplação". Sentir e alcan-

çar o Amor Universal. O Amor do homem deve estar mais nas suas obras do que nas suas palavras. Três formas de Orar. Análise das Sagradas Escrituras pelo terceiro método de Oração.

### **Contemplações Estipuladas por Sto. Inácio de Loyola**

#### **Na Segunda Semana**

Apresentação de Cristo no Templo.  
Como o menino Jesus era obediente aos seus pais em Nazaré.  
Sobre a partida de Cristo desde Nazaré até o Rio Jordão e como foi batizado.  
Como Cristo foi desde o Rio Jordão ao deserto.  
Como Santo André e outros seguiram ao Cristo.  
Sobre o Sermão da Montanha e as oito bem-aventuranças.  
Como Cristo apareceu a sus discípulos sobre as ondas do mar.  
Como Cristo pregava no templo.  
Da ressurreição de Lázaro.  
Sobre o Dia de Ramos.

#### **Na Terceira Semana**

Como Cristo foi desde Bethânia para Jerusalém e participou da última Ceia.

### **Oração preparatória**

Trazer a estória: como Cristo, desde Bethânia envia dois discípulos à Jerusalém para preparar a ceia e depois Ele mesmo comparece a ela com o resto deles e como depois de ter comido cordeiro e haver jantado Ele lavou os pés dos discípulos e lhes deu o seu corpo e seu sangue e lhes fez um sermão, depois Judas foi vendê-lo. Ver o caminho desde Bethânia à Jerusalém, se é largo, estreito, plano, etc. Assim como o lugar da ceia, se é grande, pequeno, claro, escuro, etc. Ver, ouvir e sentir as pessoas que estão na ceia e tirar o máximo proveito desta visão. Sentir o que Cristo padeceu pela humanidade ao dar o pão e o vinho aos seus discípulos, como a Divindade através deste ato expurga os pecados do homem, como isto pode acontecer em nosso interior ao receber a Eucaristia, como a devoção do filho atuava na aparência do Pai. Finalmente estar entre eles, comer, beber e conversar com eles.

Cristo no Jardim das Oliveiras. Paixão e Crucificação de Cristo. A Alma de Cristo desce aos infernos e resgata às almas ali aprisionadas. Cristo aparece à Virgem Maria.

## **Breve História do Martinismo Moderno**

**P**odemos considerar o começo do Martinismo moderno com a criação da Ordem Martinista por Papus, pouco antes de 1890.

Os seguidores de Saint-Martin estavam agrupados numa organização flexível, sendo depositários da transmissão da iniciação que deles tinham recebido. Essa organização foi conhecida sob diferentes nomes, mas de forma mais geral como a “Sociedade dos Iniciados” ou “Sociedade dos Íntimos”.

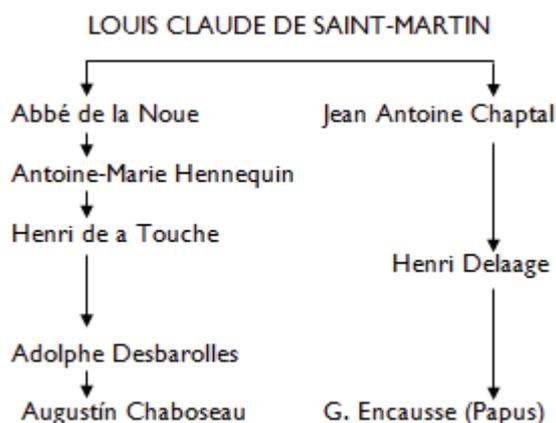
Entre muitos outros, Saint-Martin tinha admitido o Abbé de la Noue e Chaptal, Conde de

Chanteloup.

Esses dois Irmãos transmitiram a iniciação, por sua vez, criando duas linhas de sucessão de Iniciados, uma levando a Gerard Encausse (Papus) e a outra a Augustín Chaboseau.

Augustín Chaboseau e Papus compartilhavam o hábito de almoçar com amigos em Paris e, no transcurso das conversas, descobriram-se como iniciados de Saint-Martin. Papus decidiu criar, então, uma organização que agrupasse os iniciados de Saint-Martin e promovesse o estudo da filosofia Martinista. Por razões que vere-

mos depois, *Papus* e *Augustín Chaboseau* intercambiaram suas iniciações.



*Papus* começou a admitir os futuros membros da organização que tinha em mente. Em 1884, foi redigido o rascunho da *Constituição* dessa organização que foi chamada “Ordem Martinista”. Antes de 1890, o trabalho para estabelecer a Ordem foi tão bem promovido que se decidiu dar-lhe um corpo dirigente de doze membros, conhecido como o Supremo Conselho.

*Papus*, como Grão Mestre da Ordem, era Presidente desse Supremo Conselho. Em 1893, a Ordem Martinista recebeu os arquivos e os registros de *Willermoz* e da Loja Elus Cohen de Lyon.

Sob a direção de *Papus* a Ordem Martinista se estendeu rapidamente pela França e por outros países, inclusive a Rússia, onde uma Loja Martinista funcionou na Corte do *Czar Nicholas II*.

Em 1916, quando da morte de *Papus*, existiam 160 lojas ativas. Durante a vida de *Papus*, houve alegações de outras linhas de sucessão Martinistas. Por exemplo, nos Estados Unidos o Dr. *Edward Blitz* entrou em contato com *Papus* e reclamou a filiação dos *Elus Cohen*. Foi nomeado Delegado Geral da Ordem Martinista para os Estados Unidos, até que se demitiu de seu cargo por considerar que o espírito original da Ordem estava mudando, quando esta adquiriu uma orientação mais

maçônica. Foi substituído por *Margaret B. Peeke*, nomeada “Inspetora Geral” para os Estados Unidos. Ela morreu em 1908.

*Papus* morreu em 1916 e com a falta de sua sábia orientação, a Ordem Martinista não demoraria em dividir-se. Foi sucedido por *Charles Detre*, mais conhecido como *Teder*. Durante a guerra, a atividade da Ordem se reduziu. *Teder* foi ajudado por *Victor Blanchard*, Deputado Grão Mestre.

*Teder* era um maçom sagaz dos ritos de *Menfis-Mizraim* e sob sua direção a Ordem começou a adquirir uma orientação maçônica. *Teder* morreu em 1918, deixando *Blanchard* como Grão Mestre sucessor. Devido às tendências maçônicas, que desaprovava, *Blanchard* declinou da Grã Maestria e *Jean Bricaud* foi nomeado para o cargo.

*Bricaud* considerava que a Ordem Martinista ganharia estabilidade se fosse organizada com uma base maçônica. Modificou as *Constituições* da Ordem e decidiu admitir como Martinistas somente Maçons do terceiro grau (Mestre Maçon) de qualquer rito. A administração central da Ordem foim transferida para Lyon.

Muitos Martinistas não aceitaram essa mudança da *Constituição* original, particularmente porque o requisito maçônico punha as Irmãs para fora da Ordem.

Aqueles que não aprovavam as instruções de *Bricaud* continuaram com o trabalho, segundo o espírito da *Constituição* original, atuando como “*Iniciadores livres*”. Por algum tempo ficaram desorganizados, mas finalmente *Victor Blanchard*, Deputado Grão Mestre sob a Grã Maestria de *Teder*, decidiu reunir todos os Martinistas que aderiam à *Constituição* original numa nova organização que não requeria a qualidade de Maçon para sua admissão.

Desta forma, o Iniciador deste ramo, às vezes é conhecido como “*Livre*” para distingui-

lo do ramo “Maçônico”. Em 11 de Novembro de 1920, V. Blanchard entrega na Chefatura de Polícia, os estatutos da Ordem original de *Papus*. Em 03 de Janeiro de 1921, este ramo Martinista conhecido como “*Livre*” tem sua primeira reunião oficial.

A Ordem Martinista de Lyon se opôs a esta nova Ordem e lançou um decreto no qual afirmava que era a única Ordem legítima, mas *Bricaud* recusou assiná-lo.

Em 1934, uma Convenção Internacional de Martinistas aconteceu em Bruxelas. V. Blanchard foi eleito Soberano Grão Mestre Universal, por unanimidade, e decidiu-se que a Ordem seria conhecida como “*Ordem Martinista & Sinárquica*” para distingui-la da maçônica “*Ordem Martinista*”, cuja administração central ficava em Lyon. Também em 1934, uma federação de sociedades esotéricas foi criada sob o nome do F.U.D.O.S.I. Blanchard foi um dos primeiros três dirigentes ou “*Imperators*” dessa organização.

Infelizmente, surgiu um conflito de personalidades: alguns Martinistas, entre os quais estava *Augustín Chaboseau*, não simpatizavam com *Blanchard*. Formaram, então, a “*Ordem Martinista Tradicional*” da qual V. E. Michelet foi o primeiro Grão Mestre. Foi sucedido por *Augustín Chaboseau*.

*Chaboseau* também sucedeu *Blanchard* como *Imperator* na F.U.D.O.S.I. quando este se retirou. A situação permaneceria inalterada até a Segunda Guerra Mundial.

Recapitulando, existiam nesses tempos três ramos do Martinismo:

1. A “*Ordem Martinista*” dirigida por *Chevillon* que sucedeu *Bricaud* em 1934. Este ramo admitia somente Mestres Maçons e foi conhecida como “*Ordem Martinista de Lyon*”, porque sua administração central ficava naquela cidade.

2. A “*Ordem Martinista & Sinárquica*”, dirigida por *Victor Blanchard* em Paris, não muito numerosa na França, mas bem arraigada na Suíça. Foi a única que não cessou sua atividade durante as duas guerras mundiais.

3. A “*Ordem Martinista Tradicional*”, dirigida por *Augustín Chaboseau*, bem instalada na França.

Durante a guerra, os Nazistas perseguiram as organizações maçônicas e similares. *Chevillon*, Grão Mestre da “*Ordem Martinista de Lyon*”, foi assassinado em 1944. Quando a guerra terminou, foi sucedido por *Henri Dupont*. Com a volta da paz, as Ordens Martinistas voltaram outra vez à atividade.

Em 1946, *Augustín Chaboseau*, Grão Mestre da “*Ordem Martinista Tradicional*”, faleceu e o Grão Mestre designado, *Jean Chaboseau*, seu filho, não foi ratificado em seu cargo pelo Supremo Conselho desse ramo Martinista. Surgiu a controvérsia e muitos membros renunciaram ao Supremo Conselho da “*Ordem Martinista Tradicional*”. *Jean Chaboseau* demitiu-se como Grão Mestre da Ordem sem nomear sucessor (ver carta de demissão abaixo) e retirou-se do Martinismo em 1947.

Alguns membros trataram de manter a Ordem num comitê interino da F.U.D.O.S.I., sob um “*Conselho de Regência*” mantendo a Grão Maestria em aberto. A Ordem acabou desintegrando-se e quando a F.U.D.O.S.I. dissolveu-se em 1951, seu comitê interino desapareceu e com ele a “*Ordem Martinista Tradicional*”, com seu Supremo Conselho, deixando de existir. No entanto, à margem, permaneceu um ramo nos Estados Unidos, dirigido por *Ralph Lewis* que tinha sido nomeado Delegado Regional para a “*Califórnia e os Estados Unidos da América*” (sic).

Este ramo aproveitou a situação criada na França e *Ralph Lewis* (no mais puro estilo americano) não tardou em auto proclamar-se Grão Mestre, continuando sua atividade e

impondo a seus membros a obrigação de pertencer à AMORC da Califórnia. Infelizmente, não tardou em recorrer a práticas não tradicionais como o ensino e as iniciações pelo correio, que foram repudiadas pelo resto das Ordens Tradicionais, ficando assim totalmente isolada, ignorada e provocando a crise que acabaria conduzindo a F.U.D.O.S.I. à dissolução em 1951.

Em 1948, *Jules Boucher*, um dos membros do Supremo Conselho de *Augustín Chaboseau*, tentou reunir membros sobreviventes da “*Ordem Martinista Tradicional*” em outra Ordem, que chamou “*Ordem Martinista Retificada*”. Seu êxito foi limitado e quando morreu, em 1955, não houve sucessão na Grã Maestria da Ordem.

Com a desaparecimento da “*Ordem Martinista Tradicional*” e o êxito limitado da “*Ordem Martinista Retificada*”, muitos Martinistas ficaram independentes na França. Foi quando o *Dr. Philippe Encausse*, filho de *Papus*, decidiu reviver a “*Ordem Martinista*” de acordo com a constituição de original de *Papus*. Em 1951, esta Ordem se tornou oficialmente ativa com o Supremo Conselho presidido por *Philippe Encausse* como Grão Mestre Soberano. Essa Ordem continua crescendo e quiçá seja, atualmente, a mais numerosa.

*Philippe Encausse* morreu em 1984 e a Ordem é dirigida atualmente, por *Emilio Lorenzo*.

Em 14 de março de 1953, *Victor Blanchard*, Soberano Grão Mestre Universal da “*Ordem Martinista & Sinárquica*”, morreu em Paris, com a idade de 75 anos. Sob o nome de *Paul Yesir* também tinha dirigido, durante muitos anos, a “*Igreja Gnóstica Universal*”. Foi sucedido por *Sâr Alkmaion* (*Dr. Edward Bertholet*) da Suíça. Foi dele que o Grão Mestre *Sâr Guliôn* (*Louis Bentin*), da Grande Loja Britânica, recebeu sua Carta de Nomeação como Delegado Soberano Geral para Grã Bretanha e Commonwealth.

Em 1958, *Henri Dupont*, Soberano Grão Mestre da “*Ordem Martinista de Lyon*”, *Philippe Encausse*, Soberano Grão Mestre da “*Ordem Martinista*” e *Robert Ambelain*, Soberano Grão Comendador da “*Ordem dos Elus Cohen*”, uma organização Martinezista de natureza ligeiramente diferente, que perpetua a tradição *Elus Cohen* através de uma filiação descendente de *Willermoz* via “*Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa*” (C. B. C. S.), formam uma federação chamada “*União de Ordens Martinistas*” em Paris, França.

O propósito dessa federação era reunir as diversas seções da *Ordem Martinista* que tinham continuado fiéis à tradição, numa organização flexível que deixaria certa liberdade de operação aos membros e às ordens que a formavam, ao mesmo tempo em que tenta fortalecer as relações fraternais entre eles. Para a criação desta federação, a “*Ordem Martinista de Lyon*” mudou seu nome para “*Ordem Martinista-Martinezista*”.

Em setembro de 1959 a Grande Loja Britânica da “*Ordem Martinista & Sinárquica*” estabeleceu relações cordiais com as *Ordens Martinistas* da “*União*” e, aproximadamente 12 meses depois, se associou oficialmente. Ainda que conserve sua autonomia de operação, a Grande Loja Britânica teve uma sintonia completa com as outras ordens da “*União*”, que representava oficialmente nos territórios da Grã Bretanha e Commonwealth.

Na noite de 1º para 02 de Outubro de 1960, *Henri Dupont*, Soberano Grão Mestre da “*Ordem Martinista-Martinezista*” (antes “*Ordem Martinista de Lyon*”), faleceu, porém não antes de nomear *Philippe Encausse* como seu sucessor. Duas Ordens Martinistas foram colocadas sob o mando comum da Grã Maestria de *Philippe Encausse* que imediatamente promoveu a fusão delas dando, assim, mais um passo para a *Unidade Martinista*.

Em 06 de Outubro de 1960, *Sâr Gulion*, Grão Mestre da Grande Loja Britânica da “*Ordem*

*Martinista & Sinárquica*”, foi ordenado por Robert Ambelain (nesse tempo, Soberano Grão Comendador da Ordem dos *Elus Cohen*) nos graus de: Grão Mestre Elu Cohen, Ap:: Réau ✠; Cavaleiro do Oriente, Cp:: Réau ✠ e Comendador do Oriente, M:: Réau ✠.

Em 30 de Novembro de 1960, *Sâr Gulion* foi nomeado Delegado Geral da “Ordem dos *Elus Cohen*” para Grã Bretanha sob a Grã Comendadoria de Robert Ambelain.

Em 28 de Outubro de 1962, a federação formada pela “*União das Ordens Martinistas*” promove a fusão de seus componentes numa só Ordem, passando a ser a “*Ordem Martinista de Pápus*” (com *Philippe Encasusse* como Grão Mestre) seu Círculo Exterior (via cardíaca) e a “*Ordem Martinista dos Elus Cohen*” (com Robert Ambelain como Soberano Grão Comendador) seu Círculo Interior (via operativa).

Em 1967 Robert Ambelain renuncia à Grã Maestria dos *Elus Cohen* designando *Ivan Mosca* como seu sucessor. Nesse mesmo ano as Ordens se separaram recuperando, assim, sua independência e autonomia.

*Sâr Gulion* morreu em 30 de Junho de 2003, tendo escolhido como seu sucessor *Sâr Patientius* nos anos 90, numa reunião realizada no Colégio de *Filósofos Desconhecidos* da OM&S. *Sâr Patientius* também era membro do Grão Priorado Martinista e ostentava o mais alto grau da Tradição dos *Elus Cohen*, tendo trabalhado junto a *Sâr Gulion* desde os últimos anos da década de 70 para manter a tradição da OM&S pura.

Depois da morte de *Sâr Gulion*, seus arquivos foram recolhidos, com a permissão de seu filho, e ficaram sob a custódia de *Sâr Patientius*. A “*Ordem Martinista & Sinárquica*” continua preservando o sistema primitivo e o Estatuto Martinista e se mantém ativa na Grã Bretanha, na França, no Canadá, nos Estados Unidos, na Suécia, no Brasil e na Espanha. Seus trabalhos se desenvolvem sob uma grande discricção.

## **Carta de Demissão de Jean Chaboseau como Grão Mestre da Ordem Martinista Tradicional**

Setembro de 1947

Querida Irmã, Querido Irmão,

Quando, em janeiro de 1946, o Irmão *Augustín Chaboseau* me designou para sucedê-lo na Presidência da Ordem Martinista Tradicional, nomeação referendada pelos membros do Supremo Conselho, e fui chamado a ocupar este cargo, me vieram à mente algumas perguntas.

Naquela época, as afastei temporariamente para tentar por em marcha esta Ordem que, há que dizê-lo, começava de novo. Os ataques de que fui objeto, assim como o apoio moral com os quais me deparei, me levaram a perseverar naquilo que alguns quiseram chamar “uma missão”.

Desde essa data, a própria vida da O.M.T. com suas dificuldades, tanto materiais como morais, me obrigaram a reconsiderar a questão fundamental que tinha afastado, que não só é a da existência de uma Obediência, de uma Ordem Martinista, mas também da própria função de Grão Mestre da Ordem.

O resultado destas reflexões é o que submeto a vossas meditações.

Quem é legítimo, quem é Tradicional do ponto de vista Martinista?

*Louis Claude de Saint-Martin*, nunca criou uma Ordem, nem uma organização.

Na Ordem dos *Elus Cohen* contribuí, como os demais *Réaux-Croix*, com a transmissão e propagação de uma Ordem Maçônica. Mas, depois de retirar-se de qualquer sociedade ou organização, deixou de transmitir qual-

quer coisa desse tipo. Não propagou, nem organizou, nem criou uma Ordem, uma Obediência, uma Sociedade, já que não se poderia qualificar dessa forma, com tudo o que essa noção abrange a *Sociedade dos Amigos ou dos Íntimos*, à qual às vezes se faz referência.

Ele próprio escreveu a *Liebisdorf* (carta CX):

*“A única iniciação que predico e que busco, com todo o ardor de minha alma, é aquela em que podemos entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós ... Não há outro mistério para chegar a esta santa Iniciação que submergirmos cada vez mais até o mais profundo de nosso ser, etc....”*

E na mesma carta, faz uma comparação entre essa Iniciação e:

*“... essas iniciações pelas quais passei em minha primeira escola, e que deixei desde há muito, para dedicar-me à única que seja verdadeiramente segundo meu coração... Posso assegurar-lhes que recebi pela via interior, verdades e alegrias mil vezes acima do que recebi do exterior. Não há mais Iniciação que a de Deus, e de seu Verbo Eterno que está em nós, etc....”*

Saint-Martin, a partir de certo momento, deixou de atuar como iniciador com formalismos, Rituais e etc.

Nosso saudoso Irmão *Augustín Chaboseau* tinha redigido uma nota sobre o que foi chamada sua “iniciação”, por sua tia *Amélie Boisse-Mortemart*, nota que não deixa lugar a nenhuma dúvida a este respeito. Tratava-se somente da transmissão oral de um ensinamento particular e de certa compreensão das leis do Universo e da vida espiritual o que, em nenhum caso, poderia ser considerado como uma iniciação de forma ritualística.

As “linhagens” que chegaram a *Augustín Chaboseau*, a *Papus*, e a outros e que provém de *Saint-Martin* são, com efeito, linhagens de afinidades espirituais e de nenhum modo são

constituídas por uma sucessão ininterrupta de cerimônias intangíveis, no seio de uma sociedade e em nome da mesma. Porque, para que se possa falar de uma iniciação tradicional, é necessário que exista a transmissão do “sopro”, de “uma influência espiritual”, como o fazia *Réné Guénon*, em nome de uma organização, por fórmulas idênticas e transmitidas sem que se mude sequer uma vírgula.

É precisamente aqui que aparece a profunda contradição que existe, de um lado entre este desejo de libertação interior que deve ser liberado de todo formalismo para permitir que a personalidade espiritual se forme fora das coletividades e, por outro lado, esta tendência de alguns ocultistas de fins do século XIX, criando suas associações, ordens e sociedades.

Há uma qualidade da alma que constitui essencialmente o verdadeiro Martinista, é a afinidade entre as mentes unidas pelo mesmo grau em suas possibilidades de compreensão e de adaptação, pelo mesmo comportamento intelectual, pelas mesmas tendências e isto implica em esta obrigatória constatação de que o Martinismo é composto exclusivamente de seres isolados, solitários, meditando no silêncio do oratório, em busca de sua própria iluminação.

O dever de cada um destes seres, quando alcançam o conhecimento das leis do equilíbrio, é expandir sua compreensão, para que aqueles que devem ouvir participem no que eles creem e seja a verdade de sua vida espiritual. É ali onde pode intervir a “Missão de Serviço” do Martinista. Só neste sentido é que esta corrente espiritual particular encontra seu lugar na Tradição Ocidental.

No entanto, um Martinista verdadeiramente “tradicional” não poderia agir legitimamente em nome de uma Ordem com esse nome, porque então, deixaria de agir segundo as sugestões espirituais do Filósofo Desconhecido para submeter-se a uma formação recen-

te procedente inteiramente do movimento intelectual que tinha por tarefa propagar as doutrinas “ocultistas” dos fins do século passado.

Porque não há uma regularidade da Ordem Martinista, senão numa relação sentimental para com *Papus*, já que não existe nenhuma outra tradição para nenhuma Ordem Martinista, a não ser a criação do Supremo Conselho em 1891, por *Papus*.

Com alguns amigos dos quais se tinha cuidado (*Papus*), criou e organizou tudo. Os Rituais, inclusive, não existiam, em que pese às lendas. Só se “iniciava” com os “Cadernos da Ordem”, cuja redação data dessa mesma época. A princípio, entre 1891 e 1900, não houve nenhuma reunião fechada análoga às das Lojas. Foi só depois, sob a influência de um elemento que se fez preponderante, que a Ordem Martinista se converteu numa verdadeira Obediência.

Mas, era uma organização calcada sobre as ordens maçônicas, o que se chama paramaçonaria. Isto é tão verídico que sempre se manteve a “Iniciação livre” paralelamente à “Iniciação” em Loja, lembrança dessa liberdade individual da que goza todo verdadeiro Martinista, independentemente e pelo mesmo princípio de toda Obediência.

A ausência total de Rituais antigos, incluídos os qualificados como do “século XVIII”, permitiu a cada membro que assim desejava compor um. É por isso que o de *Teder* pode ser considerado por alguns como o da Ordem Martinista quando sabemos que não é assim. Neste sentido, qualquer Ritual é válido já que é composto por um Martinista, mas é inaceitável em si já que não corresponde a seu objetivo: servir de marco antigo e rígido a uma transmissão espiritual depositada em seu seio. Ora, este marco está vazio, seja qual seja a formação Martinista que pretenda aparecer no interior, já que não existe nenhuma transmissão ritualística deste tipo, e

este marco mesmo não tem nenhum alcance mágico, porque não se apoia em nenhuma tradição real.

Os dois triângulos e os seis pontos nos quais consistiria a essência da Tradição Martinista, são uma adoção de *Papus*, assim como a divisa em três graus de uma iniciação que, pelo contrário, alguns consideraram como um único grau. O que não significa, em absoluto, que estes símbolos não puderam ter uma profunda significação e um valor real.

Todo o precedente não aponta ainda senão para uma das perguntas consideradas: a que se relaciona com a legitimidade de uma “Ordem Martinista”.

É evidente que nada impede as mentes formadas nesta compreensão particular da vida espiritual que, por costume chamamos “Martinismo”, reagrupar-se para estudar alguns textos, expor o fruto de suas próprias reflexões e que essas reuniões sejam legítimas se são livres e se não pretendem, de nenhum modo, constituir ou chegar a ser uma Obediência, qualquer que esta seja.

A pergunta fundamental, em minha opinião, é a que traz a mais grave contradição ao espírito livre e liberado de *Saint-Martin*, que é uma contradição flagrante e perpétua, a existência de um Grão Mestre do Martinismo, de uma personalidade que se pretendia depositária da Tradição do Filósofo Desconhecido e que seria investida pelo direito de sucessão do cargo, de regulador supremo desta tradição, desta “Iniciação”.

Depois da morte de *Papus*, não existiu uma continuidade para a presidência da Ordem Martinista. *Papus* não tinha designado seu sucessor e se alguns membros elegeram *Teder*, uma grande parte não o aceitou em absoluto.

*Victor Blanchard*, então Secretário Geral da Ordem que, não obstante, tinha assinado a proclamação da “*Ata de Teder*” como Depu-

tado Grão Mestre, rejeitou, logo a seguir, esta organização verdadeiramente nova, tanto por seus ritos como por sua composição e as novas obrigações que impunha a seus membros.

*Blanchard* constituiu então, por sua vez, uma Ordem Martinista, da qual foi reconhecido Grão Mestre. *Teder* teria designado *Bricaud* – más línguas pretendem que ele se teria auto-proclamado - e *Bricaud* teve como sucessor *Chevillon*. Quando este foi assassinado, a Ordem Martinista, em sua nova apresentação (posto que as tendências maçônicas se tivessem acusado e lograram uma fusão híbrida com diversas organizações), teve por continuadores os Irmãos *Dupont* e *Debeauvais*. Hoje, não se sabe exatamente de quem são sucessores, apesar de afirmarem ter uma única regularidade Martinista.

Em 1931, alguns antigos membros do Conselho de *Papus* se reuniram, e rejeitando as novas diretrizes de *Bricaud*, quiseram reconstituir a Ordem Martinista de *Papus* e só ela, já que se sabia que era impossível ultrapassá-la (mais além de *Papus*). Foi quando o Irmão *Augustín Chaboseau* foi eleito Grão Mestre. Designou em seu lugar o Irmão *Victor-Emile Michelet*, porque este era mais velho que ele, e quando *Michelet* faleceu, como não tinha designado seu sucessor, voltaram à escolha anterior de *Augustín Chaboseau*.

Uma organização internacional que se pretende superior a todas as demais e que se apresenta como habilitada (por quem? quiçá nunca saibamos...) para regularizar as Sociedades ditas Iniciáticas, quis, em 1934, em Bruxelas, incorporar-se ao Martinismo: reconheceu como única “regular” a “Ordem Martinista & Sinárquica” de *Blanchard* e, em 1939, a Ordem Martinista foi presidida por *Augustín Chaboseau* que foi, por sua vez, reconhecida.

Os laços dessa organização, a F.U.D.O.S.I. (Federação Universal das Ordens e Sociedades Iniciáticas) com a A.M.O.R.C. (Estados Unidos) e outras diversas sociedades análo-

gas, proíbem a qualquer pessoa de boa fé, levá-las muito a sério. Observemos, de passagem, que a Ordem Martinista de *Victor Blanchard* não levou o nome de “Sinárquica” senão mais tarde, e isto com o único objetivo de render homenagem à alta personalidade espiritual de *Saint-Yves d’Alveydre*.

Ordens Martinistas existem, desta forma, um pouco por todas as partes, cada uma com seu Grão Mestre, pretendendo-se sempre a única legítima e regular. Existe inclusive uma “Regência do Martinismo Tradicional”, que se apresenta como única na matéria.

Não existe, pois, nenhuma possibilidade válida para afirmar a “regularidade” de um Grão Mestre Martinista e *Papus* mesmo nunca quis que se referissem a ele para legitimar sua Ordem.

Quando chegou a certo grau de iluminação espiritual e de compreensão mística, pensou no futuro da Ordem Martinista e não sentiu, em absoluto, a obrigação de designar um sucessor, nem tinha previsto nenhum modo de eleição para a sucessão.

O Martinismo, enquanto Ordem, tendo terminado sua missão deveria, no espírito de *Papus*, somente orientado para a mística, voltar ao verdadeiro espírito Martinista individual, cessando toda existência.

Qualquer continuação do cargo do qual *Papus* se tinha revestido, e seja qual for o título é, pois, não só ilegítimo, mas também uma contradição com sua vontade final.

Quando em junho de 1945, uma reunião organizada por *Augustín Chaboseau* para constituir uma *Sociedade dos Amigos de Saint-Martin* e estudar o despertar da Ordem, a maioria dos presentes decidiu renunciar à via da obediência. Ignorando esse desejo, o Irmão *Lagrèze* conseguiu do Irmão *Augustín Chaboseau* que pusesse em vigor a Ordem da qual tinha sido o Grão Mestre em 1939.

Aqueles que conheceram bem o Irmão *Chaboseau* recordarão suas dúvidas, suas reticências durante esse o período, Setembro de 1945, e os últimos dias de sua vida. Mais que ninguém, quiçá, parecia-lhe uma contradição manifesta não só a existência de uma Ordem Martinista e o pensamento do próprio Saint-Martin, mas também entre a liberdade individual e individualista do Filósofo Desconhecido e o cargo falaz de Grão Mestre. Para o Irmão *Augustín Chaboseau*, a existência de uma Ordem e de um Grão Mestre não lhe parecia mais que uma necessidade, assim como nos tempos de sua juventude com *Papus*, *Michelet* e *Chamuel*.

E há uma razão mais profunda, mais essencial, que governa todo o comportamento espiritual de um fiel ao espírito do Filósofo Desconhecido.

O Martinismo é cristão, essencial e integralmente cristão e não se poderia conceber um Martinista que não seja fiel a Cristo - ao Cristo Jesus, único Salvador e Reconciliador, Encarnação do Verbo.

Fica claro que grande número de Martinistas não é e continua a não ser penetrado por este espírito, perfeitamente universal no sentido cabal do termo. Desejando singularizar-se, particularizar-se, cobiçando presidências, grandes maestrias, títulos e honras, em nome de um filósofo cuja modéstia e simplicidade são proverbiais, parecem desconhecer um dos primeiros preceitos cristãos, posto que a função, o título e as honras inerentes ao cargo de um Grão Mestre são absolutamente incompatíveis com a própria noção do espírito Martinista.

Há que recordar a rejeição que demonstravam *Augustín Chaboseau* e *Octave Béliard* para esse apelo: *Augustín Chaboseau* só aceitava o título de Presidente, para evitar os desvios para os quais se arriscavam a ir todos aqueles que queriam prevalecer-se desses títulos "Soberanos" pelos quais *Papus* se entusias-

mava em sua juventude.

Perfeitamente convencido de que todas as deformações, todas as disputas de legitimidade e de regularidade, não tem razão de ser senão em função da existência desta Ordem Martinista e de todas as Ordens rivais que a sucederam, creio que cheguei a esta compreensão profunda de que, as dissensões, sejam quais forem suas aparências, não darão nada mais que provas da ilegitimidade congênita de toda Ordem Martinista oficializada. Concluí que era honesto dar-lhes a conhecer o resultado de minhas reflexões.

Levaram-me a esta convicção de que, se desejasse permanecer na linha e na tradição dos Filósofos Desconhecidos, especialmente do último, *Louis Claude de Saint-Martin*, não seria possível pertencer a nenhuma Ordem Martinista, seja qual for o qualificativo que se queira acrescentar, para diferenciá-la das demais e parecer superior a elas.

Por isso acreditei que era meu dever expor-lhes as razões que me levam a renunciar ao cargo e à dignidade de Grão Mestre da *Ordem Martinista Tradicional*. Rogo-lhe me considerem como demitido da Ordem.

Ao não ter que designar um sucessor, posto que, por um lado os Regulamentos Gerais e Particulares da O.M.T nunca foram determinados e, por outro lado por não reconhecer nenhum outro valor que a presidência administrativa ao pretendido cargo, me parece difícil que um novo Grão Mestre possa fazer-se reconhecer *urbi et orbi*, salvo por aqueles que, por sua própria vontade, desejarem que isso seja assim.

Desejo, sinceramente, que em razão deste fato, o Martinismo volte a ser o que deveria ter sido sempre: uma simples agrupação de mentes, unidas somente pelas mesmas aspirações espirituais e guiadas para a mesma busca pela única Luz do Cristo, fora de qualquer preocupação de Ordem ou de Obediência.

Pelo mero fato da minha demissão, declaro naturalmente isentos dos juramentos de fidelidade que me prestaram durante as recepções a todos aqueles que foram membros da Ordem Martinista Tradicional.

Rogo-lhes que acreditem, querida Irmã e querido Irmão, que esta demissão não afeta em nada os sentimentos afetuosos e fraternais que nos unem e que conservaremos com toda liberdade, como verdadeiros fiéis

espirituais do Filósofo Desconhecido.

Jean Chaboseau

*NOTA: Convém, com toda imparcialidade, elogiar o autor por sua sinceridade, sua modéstia e seu espírito de equidade.*

*Este documento foi publicado em sua integridade por Philippe Encausse em sua obra: "Sciences Occultes" ou "25 années d'occultisme occidental. PAPUS, sa vie, son ouvre". Editions Ocia. 1.949.*

## A Humildade

**A** Humildade é a virtude que dá o sentimento exato da nossa fraqueza, modéstia, respeito, pobreza, reverência e submissão.

Humildade vem do Latim "humus" que significa "filhos da terra", ao analisarmos esta frase, encontramos material suficiente para apreender sobre a humildade:

Filhos da Terra: sentimo-nos oprimidos sabendo que nosso lugar não é aqui, fomos criados a imagem e semelhança do Criador, descemos por nossa própria culpa, devendo retornar através do nosso esforço e trabalho, fazendo florescer as virtudes latentes em nossa alma, para que o Espírito Santo desça sobre ela e assim poder um dia retornar ao Pai.

Se diz que a humildade é uma virtude humilde, quem se vangloria da sua, mostra simplesmente que lhe falta.

Ela torna as virtudes discretas, despercebidas de si mesma.

A humildade não é depreciação de si mesmo, não é ignorância com relação ao que somos, mas ao contrário, se tem conhecimento exato do que não somos. Apresenta-se com humildade, sem que a vaidade se manifeste.

Podem-se encontrar diferentes graus de humildade, como também falsas humildades, pode-se ser humildade em breves momentos, ante algo que nos parece grandioso.

São falsas humildades: aqueles que se rebaixam ante os outros querendo parecer humildes, porém estão cheios de ressentimentos, inveja ou ambição.

Outra falsa humildade é não reconhecer ou não acreditar em seu real valor e se sentir inferior, pode até possuir humildade, porém se inferioriza a tal ponto ante seus semelhantes, sentindo grande sofrimento em seu interior, este ser não respeita a sua dignidade.

Ter humildade não significa ser servil. Ter humildade não é sinal de fraqueza.

Pode-se ser humilde sem depreciar ou reconhecer os valores de cada um.

Mas, a verdadeira humildade, é aquela que o homem tem consciência e possui uma convicção do que ele é, da sua capacidade, da sua força ou da sua fraqueza, compreende a sua inferioridade, reconhece seus limites, mas, não sofre por isso, se esforça e trabalha para ser melhor e procura constantemente seu aperfeiçoamento físico, moral e espiritual.

Ser humilde é saber ir até o ponto de não interferir nos outros, ser humilde é não se intrometer nem comentar a vida dos outros.

Esta humildade, esta consciência, este sentimento se adquire lentamente pelo trabalho interior ou pode ser provocada pelo recolhimento da existência de algo superior em nós mesmos, reconhecer a grandeza de Deus, o Ser Supremo, das suas Forças Universais ou das leis que as regem, ante essa compreensão e reconhecimento interior há humildade, reverência à grandeza do Criador.

A verdadeira humildade sempre está acompanhada de outras virtudes: caridade, misericórdia, amor, verdade e compaixão. Temos para isto o exemplo de São Francisco de Assis.

A humildade condiciona a oração e a descrição é a virtude dos santos.

Nosso Senhor Jesus Cristo deixou grandes ensinamentos de humildade: ao lavar os pés dos seus discípulos, assim como nos ensinou o amor ao próximo e a caridade, quando mitigava o sofrimento dos pobres.

Suas bem-aventuranças são os humildes que alcançam o Reino dos Céus, humildes no coração, nos sentimentos e na alma.

O homem pode nascer com tendências à virtude da humildade, pode nascer humilde, como também pode trabalhar para adquiri-la.

A humildade é uma virtude que atua sem ilusão, sendo guiada pela razão. Um bom conhecimento teórico da humildade favorecem o aprofundamento nesta virtude assim como também o conhecimento exato de nossas limitações.

A humildade produz no interior do homem alegria, paz e serenidade, todo o ser tem conformidade do que ele realmente é e se sente satisfeito em sua fraqueza.

A força da virtude está na alma e não precisamos ser santos para ter humildade, afastando o orgulho, a vaidade, a prepotência e o egoísmo, tal como disse Davi em seus Salmos: "oferecendo o arrependimento ao Senhor, de nossas faltas, seremos melhores". É neste ser que encontramos eloqüente expressão de humildade a virtude que o coroou com majestade.

Quando Deus disse a Davi que Ele o tinha escolhido para ser rei, Davi prostrou-se diante de Deus e exclamou: "Nada fiz de merecedor, todas as minhas realizações foram inteiramente as Tuas ações".

Como fazer para se tornar humilde?

Humilde é aquele que ao carregar a sua cruz não reclama do seu peso nem suplica que a tirem de cima de si, mas pede forças para poder carregá-la.

Humilde é aquele que tendo carregado a sua cruz nela se deixa pregar sem desesperança.

Humilde é aquele que tendo sido pregado na cruz compreende que quem está crucificado não pode se mexer. Humilde é aquele que diz: "Não estou aqui para fazer a minha vontade, mas, sim, a de Deus".

Humilde é aquele que atribui a Deus tudo o que há de bom em si e atribui a si próprio tudo o que tiver de ruim.

Humilde é aquele que obedece.

Humilde é aquele que ao prestar o serviço se reconhece como o mais incompetente operário para realizá-lo, mas assim mesmo tenta dar o máximo de si para que a obra seja boa.

Humilde é aquele que ao ser insultado baixa os olhos e cala. Humilde é aquele que ao ser enaltecido diz que não é digno de enaltecimento.

Humilde é aquele que ao ser açoitado pelo infortúnio diz: "Obrigado Senhor, obrigado por esta oportunidade de evoluir".

Humilde é aquele que reconhece, com toda a humildade, que não pode compreender a natureza de Deus, mas pode senti-la em todo o seu Amor e sua Luz. Este é o humilde que, finalmente, conseguiu ser admitido no Primeiro Grau da Humildade.

- Se para se atingir apenas o Primeiro Grau da Humildade passa-se por tantas provações, bendizendo-as, quer dizer que ainda há mais?

- A Via da Humildade tem 12 graus. O Segundo Grau da Humildade consiste em se colocar em prática tudo o que se aprendeu no Primeiro, dedicando-se com todo o empenho ao serviço, sem esperar qualquer tipo de recompensa.

- Em que consiste o Terceiro Grau da Humildade?

- O Terceiro Grau da Humildade consiste em não ter pressa em progredir e ser promovido ao Quarto.

- E em que consiste o Quarto Grau da Humildade?

- O Quarto Grau da Humildade consiste em retornar, espontaneamente ao Primeiro, todos os dias.

- E o Quinto Grau?

- Consiste o Quinto Grau da Humildade em se reconhecer, com toda a sinceridade, que não se está sendo suficientemente humilde e tentar se aprimorar na humildade. Quando se consegue isso, passa-se automaticamente ao Sexto Grau.

- Em que consiste o Sexto Grau da Humildade?

- O Sexto Grau da Humildade consiste em colocar o interesse do próximo à frente do nosso e dizer: "Se para ajudar alguém eu tiver que parar de progredir, farei isso; se para ajudar alguém eu tiver que sofrer infortúnios, farei isso; se para ajudar alguém eu tiver que me mortificar, farei isso".

- Em que consiste o Sétimo Grau da Humildade?

- O Sétimo Grau da Humildade consiste em se amar todos os seres vivos como a si mesmo, sejam homens, animais ou plantas, compreendendo que nenhum deles é inferior a si.

- E o Oitavo Grau?

- Consiste o Oitavo Grau em se regozijar plenamente em nada possuir, dando graças a Deus por isso.

- Em que consiste o Nono Grau da Humildade?

- Este grau harmoniza três triângulos e consiste em se vivenciar e demonstrar grande alegria e autêntica exultação na realização dos serviços mais vis, cansativos e repetitivos, realizados sob as mais duras condições, sob pressões e cobranças, sem qualquer tipo de reconhecimento.

- E o Décimo Grau?

- Consiste este grau em aceitar como naturais o envelhecimento, a degeneração física e a morte, repetindo sempre: "Obrigado Senhor, obrigado por me ter sido permitido viver até agora".

- Em que consiste, o Décimo - Primeiro Grau da Humildade?

- O Décimo Primeiro Grau consiste em aceitar as doenças incuráveis, quando elas sobrevêm, e repetir incessantemente, por mais atroz que seja o sofrimento pelo qual se pas-

se: "Obrigado, Senhor, muito obrigado por este sofrimento que me faz evoluir".

- Finalmente, em que consiste o Décimo - Segundo Grau da Humildade?

- Consiste em dizer, de todo o coração: "Senhor, eu nada sou, eu nada sei, sou o último dos vermes, e nem sequer posso orar pelos meus inimigos, porque não os tenho. Mesmo sendo tão indigno e insignificante, ofereço este sofrimento pelo qual passo como purgação do carma de meus semelhantes, para que não tenham eles que passar por coisa igual. Passarei por eles o que eles teriam de passar e faço isso com grande alegria. Suplico que meus rogos sejam aceitos e bendigo o Vosso Santo Nome, Senhor, pois sois Justo e Misericordioso e nada acontece sem que Vós o permitais".

- Que prêmio receberei, ao atingir tão elevado grau? Que título terei e de que poderei ser investido?

- Tua recompensa será o anonimato, teu título será o Mestrado, e teus poderes serão os de ensinar o que tenhas apreendido, mas somente àqueles que realmente queiram aprender.

- Que satisfação terei nesta condição tão especial?

- Poderás irradiar a Paz Profunda sobre todos os seres e estarás liberto do medo do desconhecido e do sofrimento advindo das perdas, pois nada terás para perder. Esta é a satisfação que terás ao atingir o Décimo - Segundo Grau da Humildade, condição que te qualifica para admissão no Primeiro Grau do Amor.

## Contos Espirituais

### *Conversando com Deus*

**U**m dia, levantei-me de manhã para assistir o nascer do sol. A beleza da criação Divina estava além de qualquer descrição.

Enquanto assistia, louvei a Deus pelo Seu trabalho. Sentado lá, senti a presença de Deus comigo. Ele me perguntou: Você me ama?

Eu respondi: É claro Deus! Você é meu Senhor e Salvador!

Então Ele perguntou: Se você tivesse alguma dificuldade física, ainda assim Me amaria?

Eu fiquei perplexo. Olhei para meus braços, pernas e para o resto do meu corpo e me perguntei quantas coisas eu não seria capaz de fazer, as coisas que eu dava por certas.

Eu respondi: Seria difícil Senhor, mas eu ainda Te amaria.

Então o Senhor disse: Se você fosse cego, ainda amaria minha criação?

Como eu poderia amar algo sem a possibilidade de vê-lo? Então eu pensei em todas as pessoas cegas no mundo e quantas delas ainda amaram Deus e Sua criação.

Então respondi: É difícil pensar nisto, mas eu ainda Te amaria.

O Senhor então perguntou-me: Se você fosse surdo, ainda ouviria minha palavra?

Como poderia ouvir algo sendo surdo? Então eu entendi. Ouvir a palavra de Deus não é simplesmente usando os ouvidos, mas nossos corações.

Eu respondi: Seria difícil, mas eu ainda ouviria a Tua palavra.

O Senhor então perguntou: Se você fosse mudo, ainda louvaria Meu nome?

Como poderia louvar sem uma voz? Então me ocorreu: Deus quer que cantemos de toda nossa alma e todo nosso coração. Não importa como possa parecer. E louvar a Deus não é sempre com uma canção, mas quando somos oprimidos, nós louvamos a Deus com nossas palavras de gratidão.

Então respondi: Embora eu não pudesse fisicamente cantar, eu ainda louvava Teu Nome. E o Senhor perguntou: Você realmente Me ama?

Com coragem e forte convicção, eu respondi seguramente: Sim, Senhor! Eu Te amo! Tu és o Único e Verdadeiro Deus! E pensei ter respondido bem, mas então Deus perguntou: ENTÃO POR QUE PECAS?

Eu respondi: Porque sou apenas um humano. Não sou perfeito.

Então por que em tempo de paz você vagueia ao longe ? Por que somente em tempos de problemas oras com fervor?

Sem respostas, somente lágrimas.

O Senhor continuou: Por que cantas somente nas confraternizações e nos retiros? Por que Me buscas somente nas horas de adoração? Por que Me perguntas coisas tão egoístas? Por que Me fazes perguntas tão sem fé?

As lágrimas continuavam a rolar em minha face.

Por que você está com vergonha de mim? Por que você não está espalhando as boas novas? Por que em tempos de opressão, você chora a outros quando Eu ofereço Meu ombro para você chorar nele? Por que cria desculpas quando lhe dou oportunidades de servir em Meu Nome? Você é abençoado com vida. Eu não lhe fiz para que jogasse este presente fora. Eu lhe abençoei com talentos para Me servir, mas você continua a se virar. Eu revelei Minha palavra a você, mas você

não progride em conhecimento. Eu falei com você, mas seus ouvidos estavam fechados. Eu mostrei Minhas bênçãos, mas seus olhos se voltavam para outra direção. Eu lhe mandei servos, mas você se sentou ociosamente enquanto eles eram afastados. Eu ouvi suas orações e respondi a todas elas...

Eu tentei responder, mas não havia resposta a ser dada.

Você verdadeiramente me ama?

Eu não pude responder. Como eu poderia ? Eu estava incredivelmente constrangido. Eu não tinha desculpa. O que eu poderia fazer? Quando meu coração chorou e as lágrimas brotaram, eu disse: Por favor, perdoe-me Senhor. Eu não sou digno de ser seu filho.

O Senhor respondeu: Esta é a Minha Graça, minha criança. Porque você é Minha criação. Você é Minha criança. Eu nunca te abandonarei. Quando você chorar, Eu terei compaixão e chorarei com você. Quando você estiver alegre, Eu vou rir com você. Quando você estiver desanimado, Eu te encorajarei. Quando você cair, Eu vou te levantar. Quando você estiver cansado, Eu te carregarei. Eu estarei com você até o final dos tempos, e te amarei para sempre.

Eu jamais chorei daquela maneira antes. Como pude ter sido tão frio ? Como pude ter magoado Deus como fiz ? Eu perguntei a Deus: Me amas?

Então, o Senhor esticou Seu braço. Logo curvei-me aos seus pés, e pela primeira vez eu orei verdadeiramente.

### ***A Alma Gêmea***

Havia uma vez uma alma pura e divina que um dia correu muito hesitada até Deus e Lhe disse: “Deus, já sei quem eu sou”!!!

Deus lhe respondeu: "Que bom! Quem sois?". E a alma disse, "Sou luz." Ao qual Deus acrescentou: "Correto, sois luz."

A alma pensou um momento e diz: "Mas Deus, eu desejo ser A Luz." Deus lhe diz: "Mas já sois luz."

E a alma acrescentou: "Sei que sou luz, porém desejo ser a própria Luz. Desejo me sentir sendo luz. Desejo me conhecer através das minhas próprias experiências. Desejo sentir cada minuto da minha vida. Desejo ser eu mesma."

E Deus lhe responde, "Oh!, vejo que desejas experimentar ser o que já sois." A alma divina retruca: "Sim, isso mesmo. Desejo experimentar ser a luz, não somente sabê-lo."

E Deus replica: "Isso é compreensível, porém é algo bastante difícil de realizar, porque como vê, neste plano não existe nada mais do que luz. Porque sois uma vela no sol. Estais entre bilhões e bilhões de velas e todas vós fazeis o sol. Porém, o sol não seria o sol sem você e sem as demais velas. Como seria possível te conhecer como luz dentro da própria luz?". "Bom", diz a alma, "Você é Deus, pode pensar em alguma coisa."

Deus acrescenta: "Já sei o que farei. Como você não pode se experimentar como luz dentro da luz, te cobrirei com aquilo que não sois. Juntos imaginaremos o que não sois e te cobrirei com aquilo e a isso chamaremos de escuridão. Te rodearei de escuridão. Te rodearei com o oposto do que sois, para que possas conhecer através da experiência o brilhante e luminosa que sois."

A alma diz: "Estou preparada. Dai-me a escuridão para que possa ser a luz."

Deus responde: "Te rodearei de escuridão e no momento em que te vejas rodeada por ela, não levantes teu braço aos céus para maldizer a escuridão. Sejas uma luz nas trevas para que possas saber quem sois realmente,

para que todas as vidas que toques possam também o saber. Que tua luz brilhe entre os seres humanos para que possam ver sua própria glória refletida em você. Podereis fazer isto com qualquer aspecto divino que o desejes. Escolhe bem e com sabedoria o que vais pedir, porque isto te acompanhará nesta e em todas as tuas encarnações. Porque a vida tem como propósito de ser o aspecto divino de Deus que está contido em vós." E Deus lhe pergunta, "Que escolhes para tua próxima vida?"

Hesitante, a alma divina pergunta: "Posso ser qualquer coisa que Vos também sois?"

Deus responde: "Sim, tudo ou qualquer parte do que sou. Que escolhes?". A alma diz: "Você quer dizer na próxima vida? Posso ser a felicidade, a alegria, a sabedoria, a paz, o amor o..."

"Correto", diz Deus. A alma então responde: "Escolho, escolho, isso..., quero ser..., quero experimentar...desejo.....desejo..."

Diz Deus, "Certo, certo, certo este é teu grande dia. Escolhestes o perdão, porque desejas ter contigo a compaixão e a misericórdia".

"Sim, sim", diz a alma divina, "isso é o que desejo fazer, desejo me experimentar como compaixão."

"Muito bem", diz Deus, "só temos um problema, já que como podes ver, ao teu redor não existe ninguém a quem possas perdoar."

"Ninguém?", diz a alma. Responde Deus: "Olha ao teu redor, você vê alguém menos perfeito, com menos luz e com menos candura do que você?"

Nesse momento a alma se volta e vê todas as outras almas do universo que se haviam reunido porque tinham ouvido a discussão entre Deus e a alma. Esta olhou ao seu redor e tudo que viu foi maravilha, beleza e perfeição. E

disse: "Só posso ver perfeição ao meu redor. A quem posso perdoar então? Porque não existe ninguém menos perfeito do que eu. Como experimentarei a compaixão?"

Então, timidamente uma alma se adiantou do grupo e diz: "Não te desesperes, você pode perdoar a mim." A alma diz então "Quem é você?"

A outra alma replicou: "Sou uma entre muitas outras almas, mas acima de tudo sou a tua alma gêmea!! e te proporcionarei, na tua próxima encarnação alguém a quem possas perdoar. Farei de tudo para te ensinar a perdoar e te mostrarei todos àqueles aos quais deverás perdoar."

"Que, que?" disse a alma, "que fareis?". "Não te preocupes", replicou a outra alma, "já pensaremos em alguma coisa."

"Porém que?", diz a alma, "que fareis? Porque sois tão bela como eu, um ser de total perfeição, cuja luz é produzida pela vibração de teu bendito e glorioso ser. Que poderíeis fazer como para que a tua vibração diminuísse a tal ponto como para poder fazer uma coisa tão terrível? Por que haverias de fazer isso?"

A outra alma respondeu: "É bastante simples, o faria porque te amo. Tu o tens feito por mim também, não te lembras? Já o esquecetes? Já temos vivido juntos por muitas vezes e já passamos por isto em outras ocasiões, não te lembras de nada? Temos estado em todos os cantos do universo e também à frente e atrás do tempo, fomos bons e também maus, tivemos grandes diferenças, mas

também tivemos grandes reconciliações. Mas em todas as encarnações estivemos juntos de alguma forma, às vezes segui meu caminho e outras fostes tu que o seguistes, mas sempre estivemos perto um do outro. Seguramente recordarás quando eu era a vítima e tu a malvada. Seguramente será difícil fazer diminuir minha vibração exatamente como o descrevestes, não é tão simples assim, por este motivo tenho que te pedir somente um favor na tua próxima encarnação, e é de que possas ter compaixão e piedade para comigo."

"Que, que?", diz a alma. "O farei, o farei, terei a experiência de como realmente sou. Que poderei fazer por você?"



A outra alma replicou: "No momento em que te faça algum dano ou te perturbe, ou te faça a coisa que pior te possa parecer ou que possas imaginar, nesse momento lembra sempre de quem eu realmente sou. Porque se me esqueces, não te lembrarás jamais de mim

enquanto estiveres viva e só te lembrarás depois de teres desencarnado. E se isto acontecer em vida, que te esqueças de mim, Deus colocará uma terceira pessoa para que nos ajude a lembrar de quem somos e de que laços nos unem, mas isto terá um certo preço, e se isto ainda não for suficiente, Deus terá que colocar uma quarta pessoa para nos lembrar disto e isto terá um preço mais alto ainda a ser pago por nós duas". E a alma replicou: "Não o esquecerei jamais, nunca esquecerei, nem que seja no pior momento da minha vida, isso eu te juro."

E assim aconteceu na próxima encarnação destas duas belas almas.

